

RESENHAS

GERALDI, Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 252 p.

Leio **Portos de Passagem** com simpatia, profunda simpatia, naquele sentido que Fernando Pessoa dá a esta palavra na Nota Preliminar ao livro "Mensagem" - como uma das qualidades indispensáveis ao entendimento do simbólico e oposta à atitude cauta e irônica, que priva o intérprete "da primeira condição para poder interpretar". Com simpatia, portanto, mas igualmente com muita vontade de compreender, leio "Portos de Passagem" e encontro, a cada parágrafo, a lembrança da voz e do gesto apaixonado de um professor em suas andanças pelo Brasil, a ensinar. Ensinar o quê? A ensinar, primeira, que "sobre muitas coisas o que sabemos é muito pouco". E que é possível uma outra proposta do ensino da língua portuguesa: o ensino como aventura e como produção de conhecimento, por alunos e professores.

Seu texto é vivo, porque vivido. Cada página denuncia a experiência. Os muitos anos de trabalho como professor, desde os tempos de bancário no interior do Rio Grande do Sul, até as conferências, livros e textos como mestre e doutor em Lingüística na Unicamp, estão ali registrados como processo e convite: aos leitores e companheiros de jornada, que a caminhada continue. "Navegantes, navegar é preciso viver".

Assim, num confronto insistente com o vivido, os três capítulos de "Portos de Passagem" contemplam: uma discussão teórica sobre as conseqüências de se assumir uma determinada concepção de linguagem; a compreensão dos problemas que caracterizam a eterna crise do ensino da língua, a partir da definição do papel do professor como produtor ou reproduzidor do conhecimento; e, finalmente, a tematização das práticas de produção e leitura de textos, e das reflexões sobre a linguagem.

"De qualquer forma estamos sempre definindo rotas - os focos de nossas compreensões", diz o autor. E, no roteiro dessa viagem, Geraldi se define: o objetivo é dar à linguagem a importância que ela tem. Ou seja, definir o ensino da língua portuguesa a partir de um conceito de linguagem: o da interlocução, como "espaço de produção da linguagem e de constituição de sujeitos". Essa atitude racional acompanha-se de uma

inspiração: a disponibilidade para a mudança. É a que permite olhar a língua como não-acabada a priori, mas sempre se fazendo e refazendo, da mesma forma que os sujeitos se tornam sujeitos pelo fato de interagirem uns com os outros, na história.

O tema do primeiro capítulo - "Linguagem e Trabalho Lingüístico" - é desenvolvido por Geraldi a partir de uma conversão do olhar, depositado sobre a relação de professor e alunos no ensino da língua: o autor expõe o tipo de interlocução que se realiza nas salas de aula (confundida com a mera aferição de um saber "pronto" a ser incorporado) e a contrapõe a uma concepção da linguagem como história. Ou seja, as ações **sobre a, com a e da** linguagem remeteriam sempre a sistemas de referência, produzidos histórica e socialmente, os quais, por sua vez, possibilitariam um sentido aos recursos expressivos. Mesmo que a prática escolar insistisse nisto, no mundo dos homens não existe nada absolutamente "dado".

Transitando com desenvoltura e simplicidade por Bakhtin, Ducrot, Foucault, Habermas, Wittgenstein e tantos outros, Geraldi vai tecendo sua reflexão, numa demonstração primorosa do que se espera hoje de uma produção gerada no mundo acadêmico: expor os conceitos teóricos à ação; ou seja, não temer o risco de oferecer as construções teóricas a uma operação investigativa, como propõe Bourdieu. Esse, entre tantos outros, o mérito maior da obra. É assim que, nesse primeiro capítulo, o autor se debruça sobre textos - de diálogos informais, de notícias e críticas de jornal - e, francamente foucautiano (embora questione o pleno "assujeitamento"), invade o interior do discurso, a partir do próprio discurso, expondo a aparência daquilo que se quer mostrar inocente.

Se querer esgotar um estudo sobre os atos da fala, reitera sua ocupação principal: estudar os atos de fala como operações discursivas dos sujeitos, procurando ver o que, nas relações dos interlocutores, é **determinado** e o **que é indeterminado**. Mais uma vez, um posicionamento que estará presente em todo o livro, ou seja, a afirmação de que navegamos entre o preciso e o impreciso, entre o estável e o transitório. Se há os discursos pré-existentes. Constituindo sujeitos, há o trabalho **com e sobre** a linguagem, pelo qual os interlocutores realizam, permanentemente, jogos de produção de sentido.

Penetrar essas ações, desvendá-las, anatomizá-las até, é sua tarefa - e a tarefa que propõe ao leitor. Esse conhecimento permitirá um novo olhar, pelo qual, por exemplo, muda completamente nossa idéia de "erro" nas produções textuais. As ações da linguagem, segundo Wanderley Geraldi, estariam modificando inclusive o próprio padrão de construção de frases. Ele cita a observação de Carlos Franchi sobre a "mania" que os professores têm de apagar as vírgulas que os alunos colocam entre o sujeito e o predicado, quando, na verdade, o português que falamos no Brasil não confere ao sujeito a função mais forte, e sim que a língua falada se orienta mais para construir orações com base em tópico e comentário. Se isso acontece (um deslocamento de sujeito/predicado para tópico/comentário), então há um novo padrão a inferir (ou mesmo impor-se) junto aos falantes.

Nossas formas de raciocínio e compreensão do mundo estão, portanto, balizadas pelas ações da linguagem. E, se as interações não se dão fora do social, da mesma forma o ensino da língua não fica ileso diante das interferências do sistema escolar, definido também por um determinado sistema social. Há então procedimentos que controlam a produção dos discursos. Ao desenvolver esse raciocínio, Wanderley Geraldi encerra brilhantemente o primeiro capítulo, construindo um quadro hipotético de respostas que o aluno - eu, você, um aluno nosso, quem sabe? - constrói quando professor lhe pede para escrever um texto. Afinal de contas, quem sou eu, a não ser um aprendiz? Quem é ele, que me pede, senão aquele que sabe? De que vou falar-lhe, senão de um assunto que ele domina bem melhor do que eu? De que o aluno falará ao professor senão daquilo que ele (professor) já sabe? Para quê? Para mostrar que aprendeu e tirar boa nota...

Em "Identidades e Especificidades do Ensino da Língua", segundo capítulo do livro, Geraldi quer compreender o que ô, de fato, a tal crise do ensino da língua portuguesa. E o caminho que escolhe é o de estabelecer as correlações entre o que faz a ciência, na construção de seus objetos, e o que faz a escola, na construção de seus conteúdos de ensino. De início, ele situa o leitor (de modo especial, o professor) em relação ao que é próprio de qualquer projeto de conhecimento: a provisoriidade, a impossibilidade real de um "ponto final", o movimento, a historicidade da produção

científica. Para o autor, o que a escola faz é silenciar esse estado provisório da ciência, tomando-a o mundo dos produtos prontos, daí o pavor das mudanças, das "novidades" no ensino da língua, que acabam fetichizadas, seja por uma atitude saudosista ("no meu tempo a gente aprendia mesmo a escrever e a ler"), seja por um pessimismo fechado ("mais uma novidade, pra tudo ficar como antes?...").

Geraldi percorre a história da identidade do professor: desde os tempos de um mestre que produzia conhecimento, passando pelo professor como transmissor ou "leitor de partituras", até o novo profissional-capataz, o "controlador da aprendizagem", desatualizado "por natureza". É nesse momento que ele chega ao "miolo" da crise, que tanto ocupa pedagogos e educadores de todo este Brasil: a transformação do professor num fiscalizador do tempo e das disciplinas escolares, operando com conteúdos escolares que certamente não lembram em nada sua origem (o resultado de um trabalho científico).

Portos de Passagem pode - e deve - ser lido por um público muito amplo. O professor de língua portuguesa, do primeiro e segundo graus, com certeza. Alunos e professores das faculdades de educação, idem. Mas penso também nos alunos e professores dos cursos de pós-graduação deste país, não apenas dos mestrados e doutorados de Letras e Educação. Por quê? Porque está em jogo nesse livro - e nas salas de aula do primeiro ao terceiro grau - justamente a indagação que muitos de nós nos fazemos: afinal, de que falamos, de que tratamos em nossas aulas, senão, na maioria das vezes, de uma eterna e repetitiva tarefa de articulação de conhecimentos que não produzimos, com uma urgência em transmiti-los, facilitada por um receituário psico-tecnológico? A escola transformou-se no lugar por excelência do ecletismo, da banalização dos conhecimentos, do tratamento da ciência como verdade absoluta, do saber sem história, sem falar no que ela produz e reproduz de violência, material e simbólica.

Nem professores nem alunos produzem. Aprende-se para cumprir rituais de disciplina. O conhecimento transforma-se em esquecimento. O ensino torna-se uma atividade de "fetiche", fato evidente quando se observa o que sucede com o ensino da língua: não pode haver maior distância entre

o que é produzido pelos pesquisadores da língua e aquilo que o professor ensina na escola.

Então, a surpresa. A esperança. E um objeto singelo: o texto, lido ou produzido. Wanderley Geraldi, fiel a seus planos de viagem afetiva e intelectual, retoma Bakhtin, Foucault, Wittgenstein e a si mesmo, traz para o interior do livro a experiência com os professores que um dia lhe perguntaram: "e se você fosse professor do primeiro grau?" e propõe: se o texto é parte do conteúdo do ensino de língua portuguesa, vamos a ele. Mas vamos a ele considerando-o inteiro, vivo: "produto de uma atividade discursiva onde alguém diz a alguém". Tão simples isso, e tão grande, porque nessa definição está a idéia da alteridade, de um outro que é a medida, que está presente e pulsando já no momento em que um texto é produzido.

A leitura e a produção de textos, na escola, podem converter-se num trabalho que permitiria, a professores e alunos, uma forma de reapropriar-se de seu papel produtivo, desconstruindo identidade de capatazia e construindo outras. Mas qual? Como ultrapassar uma crise que se cristaliza há mais de um século? Aliás, para falar disso, Geraldi usa uma estratégia interessante e original: seleciona trechos que vão de Rui Barbosa a textos de uma secretaria de educação estadual, de Celso Luft a Magda Soares, dele mesmo e de Osakabe, entre outros, apresentando-os primeiro sem a citação da fonte, encadeados de tal forma que mal se percebem as trocas de autor, embora ao mesmo tempo o leitor se surpreenda com os anacronismos ou mudanças de estilo. O efeito é imediato: a surpresa de ver que há muito tempo os métodos e os programas de ensino da língua materna recebem ferrenhas críticas, para as quais quase não há escuta.

Propondo a produção de textos como ponto de partida e de chegada, para todo o processo de ensino e aprendizagem da língua, Wanderley Geraldi discute, antes de tudo, a posição do sujeito como produtor de discursos: se o sujeito não cria o "novo em si", pode-se dizer que ele produz sim um novo, mas no sentido do comprometimento com o que diz e das articulações com a formação discursiva de que participa.

Com trânsito fácil entre crianças e poetas, o autor não teme a ingenuida-

de. Fala do que ó produzir um texto, parecendo dizer-nos o óbvio, apontar o rei nu. Ora, para produzir um texto, é preciso ter o que dizer, ter razões para isso, dirigir-se a alguém, ter motivações, usar estratégias. Prestamos atenção a isso quando produzimos? E quando lemos um texto com nossos alunos? E quando lemos um texto do nosso aluno? A partir da produção de um menino, cujo tema é a própria escola, o autor, no terceiro capítulo ("No Espaço do Trabalho Discursivo, Alternativas"), qual uma criança curiosa e interessada, "abre" o texto como se desmontasse um brinquedo (coisa séria, no mundo infantil), e mostra o jogador no seu jogo, tudo o que há nele das disciplinas, das regras de poder, das marcas sociais. E descobre a ausência de um sujeito "que se coloca", o vazio do ponto de vista daquele que fala.

Faz o mesmo com um diálogo entre professor e alunos e revela a grande inversão de papéis: na escola, a pergunta é feita por alguém que já sabe a resposta. A estratégia do autor é essa: expor e refletir. Expor sem medo, e refletir com o risco de "sujar as mãos" num, talvez, objeto menor, a educação, a escola, o cotidiano de professores e alunos.

Contra qualquer "populismo pedagógico" Wanderley Geraldi oferece algumas práticas possíveis, que invertem esse modo de fazer o ensino da língua. Em primeiro lugar, a produção de textos pelos alunos, a partir de uma definição de interlocutores, de coisas a dizer (por que não a própria história familiar, ou as histórias de um mundo que a escola ignora?). Junto com isso, a leitura de textos (textos como horizontes e não como modelos) para aprender outros modos de dizer, enfim, uma leitura como produção de sentidos. A avaliação dos textos do aluno, com Geraldi, nem tem esse nome: ó um trabalho da retomada da caminhada interpretativa do aluno-autor, o que é bem diferente. Finalmente, a gramática, ou o ensino da gramática: como superar o absurdo de termos um aluno que, falando o português, diz-se alguém que "não sabe português"? O leitor encontrará, nesse momento, toda uma reflexão sobre as possibilidades de uma análise lingüística com os alunos, permanentemente voltada para a relação interlocutiva, ligada aos diferentes usos da linguagem. Apresentados com o mesmo "valor", textos de alunos e textos científicos exemplificam as várias operações discursivas possíveis, sobre as quais o professor (no caso das produções de alunos) fará novas operações.

A reivindicação do autor, de que o professor se constitua efetivamente um produtor de conhecimento, parece-me que, no livro, aprofunda-se de modo particular na proposta de um trabalho criativo e dedicado sobre o texto dos alunos ou sobre as próprias operações que estes fazem a partir da leitura e elaboração textual. Sinto falta, porém, de uma referência mais explícita à necessidade de esse mesmo professor produzir o seu texto. E me explico: o prazer de conhecer, de investigar, de ler, de criar e divulgar idéias e reflexões feitas, seria, talvez, uma forma bem concreta e radical de esse professor identificar-se com o próprio trabalho produtivo a ser feito junto ao aluno. Certamente, porém, imagino que o posicionamento teórico e investigativo, proposto por Geraldi, suporia um professor diferente, ativo, também produtor de si mesmo e inspirado na utopia de que ele fala na conclusão: aquela utopia que "faz do homem companheiro do homem".

Com Geraldi, há uma nova escuta e um novo olhar. Ler e escrever se apresentam dentro de atos de interlocução, de descoberta de um outro, de interrogações possíveis, de produções, de ocupações de espaços em branco. O carinho e o rigor com que ele fala do e para o professor, do e para o aluno, expõem um professor, como faz questão de registrar o pre-faciador Carlos Franchi. Um professor e um viajante, em passagem permanente, arraigado e distante, poeta e cientista, pai e navegante solitário. Uma verdadeira viagem, esse Portos de Passagem.

Rosa Maria Bueno Fischer
(Universidade Federal do Rio
Grando do Sul)